

FRANK HEINRICH

**O PROCESSO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DE BLUMENAU APÓS AS
ENCHENTES DE 1983**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas. Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Cássio F.C. Rolim

CURITIBA

2005

TERMO DE APROVAÇÃO

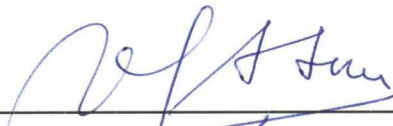
FRANK HEINRICHS

O PROCESSO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DE BLUMENAU APÓS AS ENCHENTES DE 1983

Monografia julgada e aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Economia no Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Cássio Frederico Camargo Rolim



Prof. Dr. Maurício Aguiar Serra



Prof. Marcio José Vargas da Cruz

Curitiba, 12 de Dezembro de 2005

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------|----|
| LISTA DE TABELAS | i |
| RESUMO | ii |
| 1 INTRODUÇÃO | 01 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 03 |
| 2.1 A TEORIA DA BASE DE EXPORTAÇÃO..... | 03 |
| 2.2 A TEORIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL ENDÓGENO..... | 05 |
| 2.3 SINTESE DAS TEORIAS APRESENTADAS..... | 06 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA | 08 |
| 3.1 BLUMENAU..... | 08 |
| 3.1.1 Características da Cidade..... | 08 |
| 3.1.2 A História da Cidade..... | 08 |
| 3.1.3 Localização de Blumenau..... | 09 |
| 3.2 ENCHENTES EM BLUMENAU..... | 10 |
| 3.2.1 Diário da Enchente de 1983..... | 11 |
| 3.2.2 Prejuízos Causados..... | 14 |
| 3.3 A SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS..... | 17 |
| 4 A SAIDA DA CRISE | 20 |
| 4.1 INICIATIVAS TOMADAS PÓS-ENCHENTES..... | 20 |
| 4.1.1 As Iniciativas do Governo..... | 20 |
| 4.1.2 O Projeto Nova Blumenau..... | 21 |
| 4.1.3 As Doações Recebidas..... | 22 |
| 4.2 A EXPLORAÇÃO DO TURISMO..... | 23 |
| 4.3 BLUMENAU ATUALMENTE..... | 24 |
| 4.3.1 Aspectos Econômicos..... | 24 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| REFERÊNCIAS | 31 |
| ANEXOS | 33 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| TABELA 01 - | ESTRUTURA RODOVIÁRIA - DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS ACABADOS PARA MERCADO NACIONAL..... | 10 |
| TABELA 02 - | COMPARATIVO DO PIB DO BRASIL, SANTA CATARINA E BLUMENAU E SUA EVOLUÇÃO NO PERÍODO - 1980/1985. | 19 |
| TABELA 03 - | PIB DA AGROPECUÁRIA DE BLUMENAU - 1970/1996..... | 25 |
| TABELA 04 - | PIB DA INDÚSTRIA DE BLUMENAU - 1970/1996..... | 27 |
| TABELA 05 - | PIB DO SETOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DE BLUMENAU - 1970/1996..... | 28 |

RESUMO

A presente monografia é realizada mediante revisão de literatura e mostra os impactos que as enchentes de 1983 causaram na cidade Blumenau. Os efeitos das enchentes atingiram com maior contundência do setor secundário ao micro e pequeno empresário, tendo eles que fechar as portas desempregando seus funcionários. Diante disso, este estudo procurou se concentrar na análise do processo de recuperação econômica de Blumenau após as grandes enchentes ocorridas na data referida.

1 INTRODUÇÃO

Blumenau está entre as cinco maiores cidades industriais brasileiras não-capitais de Estado, com Produto Interno Bruto de R\$ 2,7 bilhões em 2002. Segundo o IPPUB - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Blumenau, entre a população economicamente ativa - PEA de Blumenau, apenas 55% tem emprego industrial. Além desta estatística, é informado pela mesma fonte que o comércio e prestação de serviços – em virtude a atividade turística empregam 43%, e a agricultura é responsável por 2% das oportunidades de trabalho. A comunidade conta com 1 universidade, 40 escolas municipais, 32 estaduais e 8 particulares, sem contar os estabelecimentos de ensino técnico. Sua população é atendida por quatro hospitais. A cidade também é uma importante rota turística no Sul do Brasil. Para uma cidade desprovida de atrativos naturais e localizada à margem da geografia política, a conquista dessa posição revela a existência de outros méritos.

Este trabalho se propõe a analisar o processo de recuperação econômica da cidade de Blumenau após as grandes enchentes ocorridas em 1983. Paralelamente ao episódio das enchentes, o país atravessava uma forte crise econômica na primeira metade da década de 80, a chamada década perdida. Com esses fatos, será analisado qual foi o impacto dessa crise nacional na cidade de Blumenau especificamente. Serão analisados também a história da cidade, a colonização alemã, dados físicos e de localização que permitirão entender o motivo das enchentes e o processo de restauração da cidade, visto que recebeu vários donativos, e adotou uma política econômica que agilizou o caminho do desenvolvimento. Uma das festas mais tradicionais do Brasil, a Oktoberfest, é fruto dessa política de captação de renda.

O referencial teórico que guiará o estudo será baseado na Teoria de Exportação, de Douglas North, que considera as exportações como a principal força desencadeadora do processo de desenvolvimento. E também na Teoria do Desenvolvimento Regional Endógeno, de Sérgio Boisier, que mostra que o desenvolvimento de uma região pode ser explicado como resultado da interação de três forças: a alocação de recursos, a uma política econômica, e a uma ativação social.

Como fonte de dados, utilizou-se jornais, revistas e periódicos da época. A partir daí, dados econômicos foram extraídos de relatórios fornecidos pela própria prefeitura e também pelo Arquivo Histórico da cidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção é composta por três itens. O primeiro se ocupa em demonstrar a teoria da base de exportação, de Douglas North. A segunda parte demonstra a teoria de desenvolvimento regional endógeno, de Sérgio Boisier. E uma síntese das duas teorias apresentadas consta na última parte.

2.1 A TEORIA DA BASE DE EXPORTAÇÃO

Segundo NORTH, (apud SCHWARTZMAN, 1977, p. 69), ao analisar o desenvolvimento regional, uma das características que deve ser levada em conta é que as economias regionais são ligadas ao mundo externo e conseqüentemente sujeitas à influência externa. As economias nacionais também apresentam essas características, mas para as economias regionais esse fator tem uma importância muito significativa. As economias nacionais podem controlar suas importações e exportações através de tarifas, taxas de câmbio, etc., mas as economias regionais têm pouca capacidade de controlar o fluxo de mercadorias que passam por seu território. As economias nacionais podem controlar a entrada de imigrantes, mas as barreiras regionais praticamente não existem. Assim como, o fluxo de capitais, uma vez que as economias nacionais podem impedir a evasão de capitais para outros países, através de controle da moeda estrangeira, mas as economias regionais têm que se sujeitar à moeda nacional única.

É notável que tanto como as economias nacionais, as economias regionais também são ligadas ao mundo exterior e sujeitas à influência externa. Segundo o autor, a exportação tem um papel vital na determinação do nível de renda absoluta e *per capita* de uma região. Essa hipótese se refere às regiões "jovens". A região não pode ter uma estrutura produtiva complexa. NORTH, apud (SCHWARTZMAN, 1977, p. 69) afirma: "Entretanto, é concebível que uma região com um grande influxo de população e capital possa simplesmente alimentar-se a si mesma e, portanto, prover uma parte substancial de seu crescimento. Além disso, em regiões 'maduras', a atividade econômica pode tornar-se tão diversificada a ponto de tornar a base de exportação menos significativa".

O desenvolvimento econômico regional não se fará automaticamente, dada uma base de exportação. Mas a existência dela é uma condição necessária para o desenvolvimento de regiões que se encaixam nos pressupostos acima. É preciso que a "base" provoque efeitos sobre os outros setores, desenvolvendo-os também, e que a renda se distribua razoavelmente entre a população.

Embora a teoria da base de exportação seja de origem relativamente recente, sua principal idéia é mais antiga. Os planejadores urbanos e geógrafos, ao analisarem a economia urbana, lançaram as primeiras idéias sobre o conceito de "base". Ao estudarem uma cidade, dividiam as suas atividades econômicas em dois tipos: as básicas, que vendem seus produtos além de suas fronteiras, e as não-básicas, que servem de apoio às atividades básicas. O crescimento dessa economia depende do desenvolvimento das atividades básicas, que, por suas vendas, possibilita a importação de bens e serviços não produzidos localmente e induz o crescimento das atividades não básicas.

Em conjunto com a Teoria da Base de Exportação, uma outra teoria muito parecida foi desenvolvida por historiadores canadenses, a *Staple Theory*, com ajuda de trabalhos feitos por Harold Innis.

A teoria foi desenvolvida tomando como modelo o caso americano, mais especificamente, para regiões que cresceram na estrutura de instituições capitalistas. As regiões também não devem ter problemas de pressão populacional. A teoria se aplica principalmente para regiões que estão nos estágios iniciais de desenvolvimento e que estejam envolvidas com atividades baseadas nos recursos agrícolas e extrativos, não exigindo processamento elaborado e tendo como grande parte de seu mercado o comércio internacional.

É importante o estudo dos vários tipos de produtos exportados e seu impacto sobre o resto da economia. A característica do produto de exportação é capaz de ser útil para moldar o incentivo para investir localmente. São analisados também, a propensão para importar e a atração de fatores de produtos escassos, elementos muito importantes para o entendimento do processo de desenvolvimento.

Os modelos de base de exportação inspiraram-se no multiplicador keynesiano. O multiplicador era a solução para estimular a economia e causar uma demanda efetiva. Para isso, é preciso aumentar os gastos governamentais, mesmo com *déficits*.

As principais críticas à teoria são a nova ênfase dada aos elementos da oferta e o fato de não considerarem outras variáveis, além da exportação, na análise do desenvolvimento regional.

2.2 A TEORIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL ENDÓGENO

BOISIER (1989) sugere que para entender o processo de desenvolvimento regional deve-se dar uma atenção especial a um conjunto de elementos – macro-parâmetros – que delimitam o âmbito do planejamento do desenvolvimento regional em termos de sistemas de organização econômica, de estilos de desenvolvimento e dos conceitos hoje dominantes sobre o desenvolvimento econômico.

A proposta do autor não substitui, mas complementa as teorias atuais sobre o desenvolvimento econômico regional, que na sua maioria enfatizam, apenas e tão-somente, a dinâmica do crescimento em uma preocupação única de responder ao “como” e não ao “por que” da ocorrência do desenvolvimento. Para BOISIER (1989, p.616),

Para sintetizar: o processo de crescimento [grifo do autor] econômico regional pode ser considerado – dentro desta interpretação - como essencialmente originado em forças e mecanismos exógenos à região; depende principalmente (mas não exclusivamente) do esboço das políticas macroeconômicas, do critério que guia a alocação de recursos entre as regiões e da demanda externa. Pelo contrário, o processo de desenvolvimento regional [grifo do autor] deve ser considerado, principalmente, como a internalização do crescimento e, em consequência, como de natureza essencialmente endógena.

Em longo prazo, o desenvolvimento de uma região pode ser explicado como resultado da interação de três forças: alocação de recursos, política econômica e ativação social. Essas forças mantêm relação de interdependência recíproca, ou seja, mantêm relações de retroalimentação.

Na primeira força, o desenvolvimento está associado à disponibilidade de recursos.

Depende da participação regional no uso dos recursos nacionais e estaduais. Este fator tem a ver com o processo de alocação inter-regional dos recursos e relaciona as decisões que pertencem ao âmbito exclusivamente controlado pelo

Estado. E, por assim dizer, é essencialmente exógeno à região e tem características predominantemente centralizadas.

A segunda força está relacionada aos efeitos das políticas macroeconômicas e setoriais, isto é, depende da ação do governo central, que pode afetar positiva ou negativamente a região. A política econômica pode agir como coadjuvante do processo de crescimento econômico, indo na mesma direção ou pode ir na direção oposta e freá-lo. Semelhante ao processo anterior, essa força depende de decisões iniciais tomadas pelo Estado, que é exógena à região.

Por último, mas não menos importante, o desenvolvimento regional depende da ativação social da população local, quer dizer, da capacidade de a região criar um conjunto de elementos políticos, institucionais e sociais, capaz de direcionar o crescimento, desencadeado por forças exógenas, para atingir o desenvolvimento no sentido estrito da palavra.

Essa terceira força, ao contrário das duas primeiras, é completamente endógena e está associada: ao aumento da autonomia de decisão da região; ao aumento da capacidade regional para reter e reinvestir o excedente gerado pelo processo de crescimento; a uma permanente e crescente melhora social (qualidade de vida); e à preservação do meio ambiente.

2.3 SÍNTESE DAS TEORIAS APRESENTADAS

A Teoria da Base de Exportação, de Douglas North, considera as exportações como a principal força desencadeadora do processo de desenvolvimento. O crescimento nesta teoria depende da dinamicidade das atividades econômicas básicas que, por sua vez, incentivam o desenvolvimento de atividades complementares. As atividades básicas vendem seus produtos em outras regiões, sendo, portanto, a força motriz da economia. As atividades complementares dão suporte às atividades básicas.

A teoria será útil para analisar o caso de Blumenau, pois a principal atividade do município é o setor industrial. Somado à localização da cidade, que contribui para o fácil escoamento de produtos, torna Blumenau uma cidade com grande potencial exportador.

A teoria de Sérgio Boisier nos mostra que o desenvolvimento de uma região pode ser explicado como resultado da interação de três forças: alocação de recursos, onde o desenvolvimento está associado à disponibilidade de recursos oriundos de fora, a uma política econômica, onde o desenvolvimento depende das políticas macroeconômicas do governo central, e a uma ativação social, que mostra que o desenvolvimento depende de autonomia para tomada de decisões.

Esta teoria será útil para ajudar a compreender como o conjunto destas forças, seja por verbas provenientes do governo federal e estadual para financiar obras de reconstrução, pelo impacto das ações do governo federal para encontrar uma saída macroeconômica para a crise que estava instalada no país e pela união da população local, foi importante no caso de Blumenau.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 BLUMENAU¹

3.1.1 Características da Cidade

Situada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, colonizada por alemães, e conhecida por manter os costumes germânicos, Blumenau é a terceira maior cidade do Estado e mantém um grande pólo industrial. Esta seção será utilizada para revelar um pouco mais da história da cidade e também para mostrar dados geográficos e sociais para que seja mais fácil compreender a ocorrência de tantas enchentes na região.

3.1.2 A História da Cidade

No ano de 1850, o médico farmacêutico e filósofo alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, obteve do governo Provincial uma área de terras de duas léguas, para estabelecer uma colônia agrícola, com imigrantes europeus.

No dia dois de setembro daquele mesmo ano, chegaram ao local os primeiros 17 colonos, liderados pelo Dr. Blumenau. Esta é a data oficial, na qual comemora-se a fundação da cidade. Depois dos primeiros imigrantes, outros atravessaram o oceano e se estabeleceram ao longo do curso dos rios do território da concessão.

No princípio, a colônia se manteve como propriedade particular do fundador. Dr. Blumenau encontrava-se em dificuldades financeiras, e conseguiu, em 1860, que o Governo Imperial encampasse o empreendimento. Ele mesmo, o fundador, foi conservado na direção da colônia, mesmo quando esta foi elevada à categoria de município, em 1880.

O antigo território do município de Blumenau, que em 1934 compreendia uma área de 10.610 quilômetros quadrados, está hoje reduzido a 531 quilômetros quadrados apenas. Desses desmembramentos resultaram nada menos que 31 novos municípios.

¹ Os dados foram colhidos do site da Prefeitura, disponível em <<http://www.blumenau.sc.gov.br>>

A área urbana do município está hoje dividida administrativamente em 30 bairros, incluindo o distrito da Vila Itoupava, os quais apresentam características físicas, demográficas e econômicas muito diferentes.

Segundo o IBGE, Blumenau tem uma população de 261.808 habitantes, sendo que está distribuída da seguinte forma: 241.943 se encontram na zona urbana e 12.465 na área rural.

Embora o fundador desejasse desenvolver uma colônia agrícola, a história mudou seu rumo e Blumenau voltou-se para o setor industrial. Vinte anos após a fundação, a colônia já contava com pequenas empresas e manufaturados.

Os indicadores sociais registram:

- Expectativa de vida: 72 anos;
- Habitante acima da linha de pobreza: 79,7%;
- Índice de mortalidade infantil: 2,22%.

3.1.3 Localização de Blumenau

Segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Blumenau (2005), o Município de Blumenau localiza-se na bacia do Itajaí-Açu, no nordeste do Estado de Santa Catarina. Encontra-se às margens do rio Itajaí-Açu, que a corta no sentido Oeste-Leste, com largura de cerca de 200 a 300 metros. A altitude da área urbana é de 14 metros. Suas terras são limitadas a faixas estreitas entre cursos d'água e morros. A cidade tende a se desenvolver para o Norte, entre os ribeirões Itoupava e Texto, onde o terreno é menos acidentado e para Oeste, em torno da rodovia BR-470.

Blumenau tem como limites os seguintes municípios:

Ao Norte: Jaraguá do Sul e Massaranduba.

Ao Sul: Guabiruba, Botuverá e Indaial.

Ao Leste: Luís Alves e Gaspar.

Ao Oeste: Indaial, Timbó e Pomerode.

Segundo a Teoria de Base de Exportação, a exportação tem um papel vital na determinação do nível de renda absoluta e *per capita* de uma região. Quando é mencionado o termo "exportação", não quer dizer apenas exportações para fora do

país, mas também exportações para cidades e estados vizinhos. Para o autor, a existência de uma base de exportação provocará efeitos sobre outros setores, desenvolvendo-os também.

A localização de Blumenau no centro geográfico da América do Sul e infraestrutura logística são alguns fatores que fazem com que a exportação de produtos seja facilitada, conforme a Tabela 01.

TABELA 01 – ESTRUTURA RODOVIÁRIA - DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS ACABADOS PARA MERCADO NACIONAL

| CIDADES | DISTÂNCIA | TEMPO DE TRANSPORTE | CUSTO DO TRANSPORTE |
|----------------|------------------|----------------------------|----------------------------|
| Porto Alegre | 590 km | 10 horas | 100US\$ p/ton |
| Florianópolis | 139 km | 3 horas | 70 US\$ p/ton |
| Itajaí | 51 km | 1 hora | 45 US\$ p/ton |
| Joinville | 105 km | 2 1/2 horas | 60 US\$ p/ton |
| Curitiba | 656 km | 10 horas | 120 US\$ p/ton |

FONTE: UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<http://www.ufsc.br/blumenau>> Acesso em 05 de nov 2005

O município tem ótimas ligações com outras partes do Brasil, do Mercosul e com o resto do Mundo. Argentina, Uruguai e Paraguai e o Sul e Sudeste do Brasil, se incluem neste mercado. Os portos de Itajaí e São Francisco do Sul são freqüentados por navios das nações comerciais, com rotas que vão do Oriente ao Atlântico Norte, à África e ao Pacífico, ao Mediterrâneo. Segundo a UFSC (2005), Blumenau é responsável por 33,1% das exportações do estado de Santa Catarina.

3.2 ENCHENTES EM BLUMENAU

Segundo a PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU (2002), a história das enchentes da cidade de Blumenau caminha lado a lado com a história da colonização e do seu desenvolvimento. De 1850 a 1992 foram registradas 66 enchentes, das quais 11 (onze) até 1900, 20 (vinte) nos 50 anos subseqüentes e 35 nos últimos 43 anos. O modo com que os blumenauenses, e com o passar do tempo a população das comunidades ribeirinhas lidavam com as enchentes, foi-se modificando com a urbanização da colônia e o desenvolvimento técnico. Observa-se

que a discussão e eventual adoção de medidas ocorrem sempre nos meses ou anos em que sucedem as grandes enchentes, a saber, 1911, 1927, 1957 e 1983. As enchentes que porventura ocorrem pouco tempo depois destas ditas "grandes" ajudam a manter acesa por mais tempo a mobilização. Percebe-se, a cada período pós-enchente, maior aprofundamento na discussão de alternativas de defesa. O que permanece inalterado, entretanto, é a disposição das comunidades em tão somente usufruir de medidas de defesa contra enchentes, sem se dispor a arcar com qualquer tipo de ônus. O "problema", pelo que indicam os fatos a seguir relatados, talvez não fosse grave suficientemente para ensejar um esforço coletivo na busca de soluções. A frequência crescente da ocorrência de enchentes também não tem tido reflexos no comportamento das comunidades.

Conforme BLUMENAU EM CADERNOS (2003) a primeira grande enchente em Blumenau, Santa Catarina, aconteceu em 1895, mas em 1983, Blumenau foi quase totalmente destruída pelas águas do rio. Demorou um bom tempo até que a cidade pudesse voltar à uma certa normalidade, com o apoio da prefeitura e do governo do Estado. Mas cada chuva se transformava em uma ameaça. Em 1984, antes mesmo que a cidade estivesse funcionando normalmente, uma nova enchente atingiu Blumenau, que justamente por a cidade ainda estar se recuperando da enchente do ano anterior, também causou grandes prejuízos.

3.2.1 Diário da Enchente de 1983²

5 de julho - Em Blumenau, as águas do rio Itajaí-Açu cresciam, pouco a pouco, para o nível de 4 metros.

6 de julho - O rio Itajaí-Açu, manteve-se, apesar das chuvas, nos 4 metros até 12:00 h. Mas subiu rapidamente chegando a 7,1 metros às 24:00 h. A grande enchente se aproximava.

7 de julho - O nível do rio sobe dos 7,4 metros às 02:00 h para 12,4 metros às 24:00 h. O rápido aumento do nível do rio, a falta de maior estrutura da Defesa Civil, a deficiência nas informações, tudo contribuiu para o caos e o desordenamento das atividades. O acreditar que as represas de Taió e Ituporanga resolveriam, de uma

² Resumo baseado fortemente no texto de Antônio B. Barreto / Alda S. Niemeyer, 1995: SOS Enchente - "Um vale pede socorro" p. 41-57

vez por todas, o problema das cheias em Blumenau, também fez com que houvesse retardo no retirar pertences das áreas que seriam atingidas. Assim, residências, casas comerciais, indústrias, estabelecimentos de ensino foram inundados. O prédio da Prefeitura Municipal de Blumenau ficou superlotado com a multidão que ali foi se socorrer.

8 de julho - O nível do rio sobe dos 12,7 metros às 02:00 h, para 15 metros às 24:00 h. As ligações por terra entre vários bairros de Blumenau ficam interrompidas ou feitas com grande demora. Foi solicitado à Capitania dos Portos de Itajaí o envio urgente de canoas e lanchas, para resgatar os ilhados em suas residências. A prefeitura teve dificuldade em comandar a situação por se encontrar ilhada e sem comunicação, luz e ligações com diversos pontos da cidade. A alimentação e a água potável começaram a escassear, pois a comunidade foi surpreendida pela falta de informações e amplitude da tragédia. O transporte de água, alimentos e remédios começou a ser feito de forma precária por barcos e lanchas. A correnteza do rio era forte e havia risco de utiliza-lo, pois árvores, casas e automóveis passavam boiando. As esperanças voltaram-se para os helicópteros. Os reiterados pedidos à Força Aérea Brasileira para o apoio em helicópteros foram, finalmente, atendidos. Seguiam nesses vôos, além de alimentos e remédios, pessoal de saúde (médicos, enfermeiros, parteiras), radioamadores, PX e líderes civis, para que organizassem um núcleo de apoio e atendimento à população. Esses núcleos foram designados como Núcleos de Defesa Civil – NUDEC. Paulatinamente, os NUDEC's foram preparados e passaram a funcionar vinte e quatro horas por dia. Assim surgiram 19 núcleos. Cada NUDEC possuía grupo de direção, segurança, comunicações (RA e PX), alojamentos, refeitórios, saúde, almoxarifado, limpeza, etc. Eram dotados de helipontos.

9 de julho - O rio continuava a subir. Atingiu 15,05 metros às 02:00 horas e chega às 15,34 metros às 16:00 horas. Neste nível, permanece até às 24:00 horas. Combustível (gasolina e óleo diesel) faltava, e em consequência, houve necessidade de racionamento, o que foi feito. Blumenau virou notícia nacional e internacional. Continuava a procura desesperada de mantimentos. Carros, caminhões, ônibus, pavimentos inteiros de casas e edifícios, árvores, tudo desapareceu sob as águas.

10 de julho - O rio começa a baixar, mas a chuva miúda continua. Seu nível variou entre os 15,3 metros, das 02:00 horas aos 14,4 metros às 24:00 horas. Com a

calamidade, notou-se uma maior incidência de partos, de óbitos de pessoas idosas. O acesso aos cemitérios estava muito restrito. O Hospital Santa Isabel, passou a enterrar os seus mortos numa área a sua retaguarda. Quando Blumenau voltou ao normal, esses cadáveres foram levados aos cemitérios. Os preços nos supermercados, açougues, padarias, armazéns, ameaçavam subir e, em consequência, passaram a ser controlados. Para dormir, pessoas reuniam-se ao relento, no cume de algum monte, com suas roupas encharcadas.

11 de julho - O nível do rio baixa de 14,3 metros às 02:00 horas para 13,58 metros às 24:00 horas, mesmo assim continuava alto. Equipes do late Clube de Itajaí, Camboriú, Florianópolis e Joinville chegaram a Blumenau para apoiar a população. As reservas de mantimentos foram reforçadas. Não havia água potável da rede pública. O povo utilizava água de cisterna ou recolhida das chuvas. Os alimentos continuavam racionados e sua distribuição controlada nos supermercados, havendo filas para adquiri-los. Somente uma lata de leite em pó é fornecida por família.

12 de julho - O rio volta a subir para 14,6 metros. A Teka, tradicional fabricante de produtos têxteis, sofreu grandes prejuízos, tendo as águas afetado o seu equipamento eletrônico, suas máquinas e seu estoque de matéria prima.

13 de julho - O nível do rio que estava em 14,6 metros volta a cair às 24:00 para 12,9 metros. O trabalho de salvamento e distribuição de alimentos já havia virado rotina. O combustível escasso estava sendo distribuído aos táxis e veículos envolvidos com a Defesa Civil, na base de 20 litros por dia. Não havia luz, água ou gás de cozinha, mas a população sobrevivia como podia. Na Prefeitura Municipal, extensas filas de flagelados se formavam, no recebimento de gêneros.

15 de julho - O rio baixa para 8,35 metros às 24:00. Com o baixar das águas, o tráfego entre as diversas áreas da cidade foi, pouco a pouco, sendo reativado.

16 de julho - O nível baixa mais um pouco e chega aos 8,3 metros. Mas as notícias no Alto Vale não são boas. Em Rio do Sul, o nível subiu de 8,2 metros para 8,8 metros. Blumenau iria sentir os reflexos disso.

17 de julho - O nível do rio sobe para 10,8 metros. Todos os NUDEC'S ainda estavam ativados, com os helicópteros fazendo o vai e vem entre Batalhão e os Núcleos de Defesa Civil. Muitas pessoas procuraram fugir do dilúvio, pedindo transporte aéreo para fora de Blumenau.

18 de julho - O rio baixa novamente dos 10,9 metros para 9 metros. O apoio aéreo foi reforçado com a chegada dos helicópteros Puma, da FAB, com maior capacidade de transporte.

19 de julho - O nível do rio cai para 7 metros. A distribuição dos alimentos começou a se complicar pela falta de entrosamento dos órgãos estaduais e municipais.

22 de julho - O rio vai para 5,2 metros. À medida em que a cidade retornava ao seu normal decrescia o trabalho de apoio aos flagelados.

26 de julho - As chuvas voltam a cair e o rio começa a subir novamente. Vai para 9,68 metros. Os NUDEC'S que estavam desativados, voltaram a ser acionados. A canoa voltou a ser o principal meio de locomoção.

02 de agosto - O rio desce de 11,08 metros para 10,27 metros. A chuva parou. Verificou-se a necessidade de cada prédio ter a sua bateira e de controlar a água da sua caixa.

05 de agosto - O nível de 7,45 metros, medido às 02:00 horas, desce para os 5,65 metros às 24:00 horas. O tempo melhorou, não mais choveu.

06 de agosto - As atividades voltam a seu ritmo normal.

3.2.2 Prejuízos Causados

No ano de 1983 a freqüência das enchentes causou prejuízos nunca antes sofridos. Somente no período de 06 de julho a 02 de agosto de 1983, ocorreram seis inundações, deixando muitos pontos da cidade alagados por um mês. O índice a que chegou o nível do rio Itajaí-Açu foi o terceiro maior desde a fundação da cidade e o segundo maior volume de águas. A freqüência das inundações em tão pouco espaço de tempo, praticamente um mês, caracterizou a grande enchente de 1983 como atípica. Mesmo não tendo atingido um nível superior ao da enchente de 1911, a permanência das águas em níveis elevados foi muito maior. Também foi a enchente que mais estragos trouxe, em virtude da intensa urbanização.

Houve um colapso nas obras públicas e inviabilização do plano do governo municipal, então representado pelo Prefeito Dalto dos Reis. Houve aumento do índice de desemprego, diminuição do poder aquisitivo da população, com reflexo na arrecadação do município. Muitos dados referentes a prejuízos não foram

computados por não serem passíveis de levantamento. Além do bloqueio no processo de instalação e expansão de empresas, muitas pediram falência ou deixaram a cidade. Quase 1.500 microempresas possuidoras de 1 a 50 empregados estavam prestes a ruir. Setenta por cento do parque industrial se paralisou. Cerca de noventa por cento do comércio citadino teve seus estabelecimentos alagados, em virtude do centro comercial da cidade estar localizado exatamente em área facilmente sujeita a inundações, junto às três principais ruas do centro, paralelas à margem direita do rio. Interromperam-se também todos os serviços relacionados ao fornecimento de água, energia elétrica, telefonia e serviços de transporte coletivo.

Não só em Blumenau, mas em toda Santa Catarina as conseqüências das enchentes foram significativas. Segundo VEJA (1983) dos 199 municípios, 140 foram alagadas em julho de 1983. Cerca de cinquenta por cento dos estabelecimentos comerciais e industriais do Estado foram inundados. Em virtude dos prejuízos de cerca de 6.700 fábricas, houve a paralisação de cerca de 225.000 operários, contingente maior que o mobilizado por qualquer greve nacional na época.

No entanto, não foi somente o poder público, as indústrias e o comércio de Blumenau que sofreram com as enchentes, mas principalmente a população mais humilde, moradora das áreas baixas e das zonas de risco. Numa população de 160.000 habitantes, havia 90.000 flagelados. Os prejuízos dessas famílias pobres não aparecem na contabilidade oficial. Muitas delas tiveram perdas totais definitivas e irrecuperáveis na própria qualidade de vida.

3.2.2.1 Setor Terciário

No setor terciário da economia (comércio, serviços e outros), as cheias que ocorreram no mês de julho de 1983 atingiram diretamente a 832 estabelecimentos comerciais e/ou de serviços, correspondendo a um percentual de 31,5% do total das empresas instaladas no município, segundo BLUMENAU EM CADERNOS (2003)

Esta situação acarretou ao setor um prejuízo da ordem de quase 16 milhões de dólares na época, contabilizando-se neste montante as perdas em estoque de mercadorias, instalações físicas e outros bens patrimoniais.

No conjunto, os estabelecimentos afetados apresentavam um faturamento bruto trimestral de aproximadamente 48 milhões de dólares, sendo que no período em teia as perdas de faturamento foram estimadas em torno de 17,6 milhões de dólares.

O global dos prejuízos do setor alcançou cifra superior a 33,6 milhões de dólares (perdas físicas + receitas não realizadas).

O montante do aporte de recursos destinados a cobrir os prejuízos do setor ficou orçado em 40 milhões de dólares, agregando-se a este valor as despesas financeiras com financiamentos, rotatividade de estoques (capital de giro), juros bancários, etc.

Aproximadamente 12.000 funcionários estiveram momentaneamente paralisados, a maioria deles enquanto durou a recuperação do setor que consumiu, em média, 36 dias.

3.2.2.2 Setor Secundário

No chamado setor de transformação, as indústrias afetadas pela enchente, classificadas no conjunto entre grandes (15), médias (18) e pequenas (249), totalizaram 282, o que corresponde ao percentual de 41 % do universo de indústrias instaladas no município BLUMENAU EM CADERNOS (2003).

A mesma fonte revela que estas empresas, no seu conjunto, são responsáveis por quase 30.000 empregos diretos. Comparando-se com o total da população economicamente ativa do setor na época, pouco mais de 41.000 pessoas, tem-se uma idéia do grau de paralisação do trabalho nas indústrias da região.

Em valores em dólar de 83, as empresas afetadas apresentavam um faturamento bruto trimestral acima dos 70,4 milhões de dólares, pondo em relevo a extensão dos prejuízos enquanto perdurava a série de pequenas cheias que tinham seu início em maio até culminar na grande enchente do mês de julho de 1983.

As perdas propriamente ditas ultrapassaram a casa dos 16 milhões de dólares, incluindo prejuízos com bens de capital (máquinas e equipamentos), estoques de matéria-prima, instalações físicas e outros. As chamadas perdas com o "custo de oportunidade" (faturamento não realizado) alcançaram a cifra dos 44,8

milhões de dólares, elevando as perdas globais (físicas + vendas não consumadas) para qualquer coisa próxima dos 64 milhões de dólares.

O total das necessidades financeiras reclamadas pelo setor para fazer frente ao volume de prejuízos, incluídas neste tópico os encargos financeiros oriundos de compromissos não saldados, custos de financiamento e rotatividade dos estoques (capital de giro), juros bancários, etc., foram orçados para algo em torno dos 33,6 milhões de dólares, excluindo-se deste montante os prejuízos decorrentes das expectativas frustradas pelas vendas não efetivadas. As necessidades financeiras para atendimento ao quadro de pessoal, encargos sociais e salários, ficaram avaliadas em 7,2 milhões de dólares.

O prazo médio de recuperação destas empresas, até que estivessem em condições de apresentar os níveis de produção anteriores, foi estimado em 52 dias.

3.3 SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAÍS

As enchentes de 1983 representaram um agravante a um fenômeno já em andamento: o declínio da atividade econômica catarinense, que seguia uma tendência nacional. Dos grandes crescimentos do PIB na década de 70, o Brasil amargou uma década de quase estagnação nos anos 80.

Atravessando uma situação insustentável, o governo não vê outra saída a não ser adotar uma política econômica ortodoxa como forma de criar um ambiente macroeconômico que pudesse em 1981 diminuir a necessidade de divisas estrangeiras através do controle da absorção da demanda interna, a idéia era conter a demanda, o que ocasionaria diminuição nas importações melhorando o déficit das transações correntes na medida em que o saldo da balança comercial iria crescendo. Segundo OLIVEIRA (2005), as medidas tomadas e que prevaleceram até 1982 consistia no controle dos gastos públicos, aumento de alguns impostos como o IOF e IR, uma política cambial para diminuir as importações e elevação da taxa interna de juros. O resultado desse pacote não foi o esperado pelo governo, pois a economia entra em recessão com a produção caindo 10%.

Em 1982 o Brasil teve que recorrer ao FMI. Com o acordo, segundo OLIVEIRA (2005) foi definido que o país teria que obter um volume de exportações de 4 bilhões de dólares. Uma desvalorização do cruzeiro a uma taxa mensal de 1%

acima da inflação, estabelecida em 78% para 1983, foi uma maneira para tentar aumentar as exportações.

O país não teve grandes mudanças em relação aos números do ano anterior, somente o PIB teve um crescimento de 1,1% IPEA (2005) um resultado muito tímido. A inflação atingiu 104,8% caracterizando um processo de estagnação da economia brasileira.

No ano que ocorreram as enchentes no sul do Brasil, em 1983, o governo continuou com a política de retração da demanda e promoveu ainda uma maxidesvalorização cambial de 30% abandonando o programa de desvalorização gradativa da moeda. Com essa desvalorização o país passa a ter os preços dos produtos agrícolas aumentados, pois os insumos eram importados. A combinação entre desvalorização cambial e choque agrícola produz uma inflação de 164% FGV/IPEA (2005). Com a inflação em alta, o poder de compra diminuiu e o PIB teve uma queda de 2,8% IPEA (2005), aumentando a recessão. O setor industrial de uma maneira geral teve uma retração de 52%. (OLIVEIRA, 2005)

No âmbito externo, o país consegue cumprir as metas estabelecidas pelo FMI, graças à recessão interna, que fez com que as importações tivessem uma queda de 25% do PIB em 1982, para 6,5% do PIB em 1983 FUNCEX/IPEA (2005). Segundo OLIVEIRA (2005), o início da recuperação da economia norte americana também contribuiu para o Brasil aumentar suas exportações, fechando o ano de 1983 com um superávit comercial de 6,5 bilhões de dólares, 10% superior a meta estabelecida pelo FMI.

Conforme a Teoria de Desenvolvimento Endógeno, de Sérgio Boisier, o desenvolvimento de uma região pode ser explicado como resultado de uma interação de três itens, como já foi explicitado no capítulo 2. O segundo item está relacionado aos efeitos das políticas macroeconômicas e setoriais, que dependem da ação do governo central. A política econômica adotada nacionalmente afeta diretamente o desempenho de cada região isoladamente. Não foi diferente em Blumenau.

No início da década de 80, com a política adotada pelo governo federal de retração da demanda, aliada a maxidesvalorização cambial, o poder de compra diminuiu e o PIB recuou 2,8% aumentando a recessão. Em consequência, reduziram-se os investimentos produtivos nas indústrias tradicionais, inclusive no

complexo têxtil de Blumenau. Isto significou uma inflexão significativa da economia blumenauense, pois a indústria têxtil era responsável, em 1983, por 60% da arrecadação fiscal do município.

Conforme a Tabela 02, que mostra os valores do PIB de 1980 e 1985 entre Brasil, Santa Catarina e Blumenau, nota-se que a produção da cidade de Blumenau caminhou junto com a produção interna do Brasil, tendo um aumento no período de 7,06%, contra um aumento de 6,53% do Brasil. O estado de Santa Catarina teve uma atuação um pouco maior do que a média brasileira, aumentando em 10,31% o seu PIB no período de 1980 a 1985.

TABELA 02 – COMPARATIVO DO PIB DO BRASIL, SANTA CATARINA E BLUMENAU E SUA EVOLUÇÃO NO PERÍODO – 1980/1985

| | PIB – 1980 | PIB – 1985 | Evolução do PIB |
|----------------|-------------------|-------------------|------------------------|
| Brasil | 1.067.931.959,00 | 1.137.674.236,00 | 6,53% |
| Santa Catarina | 22.975.537,93 | 25.343.516,25 | 10,31% |
| Blumenau | 2.622.904,71 | 2.808.034,12 | 7,06% |

FONTES: IBGE - Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em 26 de nov 2005

NOTAS: A preços constantes de 2004.

Para os valores correspondentes ao Brasil e Santa Catarina, a fonte é o IBGE, para Blumenau, a elaboração foi feita pelo Núcleo de Estudos e Modelos Espaciais Sistêmicos.

Unidade: R\$ 1.000.

Deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

A população economicamente ativa - PEA de Blumenau, utilizando dados do IBGE de 1980, era de 46% sobre a população total da cidade. No estado de Santa Catarina, 37% da população total era economicamente ativa, quase a mesma da média nacional, onde 36% da população era economicamente ativa. Com esses dados nota-se que Blumenau, tendo uma população economicamente ativa maior que a média nacional, teve uma evolução do PIB baixa no início da década de 80. Indicando que a recessão que prejudicava o Brasil, atingiu também Blumenau.

4 A SAÍDA DA CRISE

4.1 INICIATIVAS TOMADAS PÓS-ENCHENTES

O governo e a população tiveram papel fundamental na recuperação do município e região. Nesta seção analisar-se-á as iniciativas tomadas pelo governo federal, estadual e municipal para agilizar a recuperação. E demonstrará também as doações realizadas ao município.

4.1.1 As Iniciativas do Governo

Após as enchentes de julho de 1983, o governo estadual criou a Secretaria Extraordinária da Reconstrução, como sendo o órgão de execução do Conselho Extraordinário da Reconstrução. As atividades feitas por estes órgãos foram documentadas em relatórios muito bem distribuídos. Em setembro de 1984, a Secretaria promoveu em várias regiões do estado, os Seminários de Avaliação e Projeção da Reconstrução, com o objetivo de fazer a prestação de contas do que tinha sido realizado. No vale do Itajaí foram realizados três seminários: em Rio do Sul, Itajaí e em Blumenau. A Secretaria quis dar importância basicamente com a reconstrução. Sem desmerecer esta tarefa, a população exigia mais, perguntando constantemente que ações seriam implementadas para diminuir os prejuízos em futuras enchentes. Então, o governador do estado lançou a idéia de um consórcio para o vale do Itajaí, nos termos a seguir:

Entendo devamos buscar a elaboração de um Plano Global Integrado para a bacia do Itajaí, mediante o estabelecimento de consórcio envolvendo os governos da União, do estado e dos municípios, as classes produtoras e trabalhadoras, a sociedade civil e a comunidade científica, para, conjugando idéias e esforços, traçamos metas capazes, definirmos prioridades legítimas e colhermos os frutos da descentralização do poder, possibilitada por nós mesmos, nosso espírito público, nossa experiência, nossa capacidade de trabalho. (AMIN, 1984, p. 3)

Esta idéia deu lugar a uma proposta mais ampla e menos participativa: O Plano Global e Integrado de Defesa contra as Enchentes. Deste novo plano, o Conselho da Reconstrução aprovou a Resolução CER n. o 30/85, mas que não foi

implementada. Na proposta estava previsto a instalação de comitês de bacia, começando pela bacia do Itajaí. COMITE DO ITAJAÍ (2005)

Em relação ao governo federal, o secretário da Indústria e do Comércio, Etevaldo da Silva conseguiu obter a prorrogação por 60 dias o prazo para o pagamento de todos os tributos federais: TRU, imposto de renda, IPI, etc., com vencimento no mês de julho, tanto de pessoas físicas, como jurídicas, com domicílio fiscal em Santa Catarina³.

4.1.2 O Projeto Nova Blumenau

Em agosto de 1983, uma Assembléia formada por cidadãos de Blumenau criou o Projeto Nova Blumenau, que foi logo em seguida ratificado pelo Poder Executivo Municipal. O projeto era entendido como "um esforço conjunto da comunidade no sentido de superar, no menor tempo possível, as conseqüências deixadas pelas últimas enchentes, e, ainda minimizar danos e poupar vidas nas enchentes que viessem a acontecer."

O projeto tinha objetivos bem diversificados, visando a reconstrução e a prevenção de futuras enchentes. O projeto pretendia, mais especificamente:

a) criação de grupos de ação comunitária, para a recuperação de Blumenau após as enchentes de 1983;

b) promover estudos e organizar a população da cidade, dando suporte para capacitar o povo a enfrentar enchentes com o número mínimo de prejuízos;

Para atingir esses objetivos, foram criadas doze comissões comunitárias:

- 1) organização comunitária para a defesa civil;
- 2) reconstrução de casas e terrenos;
- 3) recuperação de obras públicas;
- 4) turismo;
- 5) meios de produção;
- 6) meio ambiente;
- 7) avaliação do plano diretor;
- 8) contenção de cheias;

³ Jornal O Estado de São Paulo, edição de 16 de julho de 1983.

- 9) educação;
- 10)cultura;
- 11)comunicação social;
- 12) saúde;

Seguindo a teoria formulada por Sérgio Boisier, de que o desenvolvimento regional se dá através de três forças, pode-se associar o Projeto Nova Blumenau a terceira força mencionada por Boisier. Para ele, o desenvolvimento regional depende da ativação social da população local, ou seja, da capacidade da região criar um conjunto de elementos políticos e sociais capazes de surtir efeitos positivos para a comunidade em geral.

O Projeto Nova Blumenau durou cerca de um ano. O fim do projeto foi explicado por seus coordenadores pela falta de apoio da prefeitura para viabilizar as propostas elaboradas pelas comissões. Pelo fato de não haver orçamento próprio, o projeto ficou dependendo da prefeitura, que funcionava, enquanto convinha como órgão executor. Apesar de curta duração, o Projeto Nova Blumenau teve conseqüências importantes. A comissão de meios de produção, que se ocupou basicamente com o apoio às micro e pequenas empresas, deu origem a ACIMPEVI - Associação Comercial e Industrial das Médias e Pequenas Empresas do Vale do Itajaí. COMITE DO ITAJAÍ (2005)

4.1.3 As Doações Recebidas

Paralelamente à desgraça que atingia os estados do Sul, o país protagonizou um movimento de solidariedade. Foi desencadeada uma corrida aos postos de arrecadação de medicamentos, alimentos, roupas ou qualquer outro artigo que pudesse ser de alguma utilidade para atenuar os efeitos da tragédia.

Indústrias como a Cardoso, de Belo Horizonte, fabricante de biscoitos, remeteram 10 toneladas de seus produtos enquanto trabalhadores como os membros da Cooperativa de Rádio -Táxis de São Paulo colocavam-se de plantão para buscar, de graça, os donativos - onde quer que os chamassem os doadores. O resultado dessa corrente de solidariedade foi que no Rio de Janeiro, por exemplo, as mais de 200 toneladas de doações acumuladas no pavilhão de São Cristóvão e na

sede da Cruz Vermelha não tinham mais como ser embarcadas. Simplesmente os aviões já chegavam suficientemente sobrecarregados do Norte para que pudessem, no Rio, absorver os novos donativos.

A empresa Ouro-Fino sediada em Curitiba enviou 937 dúzias de litros de água mineral para os flagelados de Blumenau. Doações em espécie também foram realizadas. O Papa João Paulo II, por exemplo, doou 9 milhões de cruzeiros ao povo do Estado de Santa Catarina. BLUMENAU EM CADERNOS (2003)

4.2 A EXPLORAÇÃO DO TURISMO

Em Blumenau não existe praia, neve e cachoeiras e a cidade também não é a capital do Estado, mas apesar disso tem uma grande atividade turística. Preserva a limpeza, tem canteiros sempre bem cuidados e floridos e trânsito equilibrado. São fatores que fazem da cidade um atrativo turístico para visitantes de todas as partes do Brasil e exterior. Oferece aos turistas oportunidade de compras de produtos industrializados na região.

A cidade realiza anualmente a segunda maior festa da cerveja do mundo, a Oktoberfest, que reúne em média 700 mil pessoas por evento, desde a sua criação em 1984 OKTOBERFEST BLUMENAU (2005). Após as enchentes, com a crise econômica, social e emocional, surgiu a idéia de se criar um evento para minimizar as perdas trazidas pelas enchentes e onde houvesse um envolvimento da comunidade e onde os clubes de caça e tiro iriam envolver a tradição e velhos costumes trazidos pelos colonizadores alemães. O slogan da primeira festa foi: "Visite Blumenau, apesar de tudo *Alles Blau*", ou em português: "Visite Blumenau, apesar de tudo, está tudo azul"

A cidade foi reconstruída e com o apoio de empresários o evento enriqueceu, possibilitando a divulgação em todo o território nacional. Conseqüentemente ativou a produção de confecções de malhas e demais artigos que seriam comercializados em lojas e bazares, dando também oportunidade dos restaurantes na exploração dos pratos típicos e na rotatividade que a rede hoteleira teria durante o evento. E foi a partir da Oktoberfest que outras festas surgiram em Santa Catarina.

A ativação social mencionada por Boisier na Teoria de Desenvolvimento Endógeno é mais uma vez útil para ilustrar este exemplo, comprovando que a

mobilização da população local é uma ferramenta importante para obter crescimento e desenvolvimento de uma região. Lembrando também que este ato da população junto com as autoridades locais, é uma força endógena e não depende diretamente de governos centrais.

4.3 BLUMENAU ATUALMENTE

Conforme consta no Plano Diretor de Defesa Civil, de 2002, Blumenau foi apontada nos anos de 1999 a 2001, como uma das cidades de maior desenvolvimento de Santa Catarina e figura, dentro do país, entre os 10 municípios de maior desenvolvimento. Para esta posição de destaque contribuíram vários fatores, com ênfase o desempenho da economia do município e da atuação de sua mão-de-obra.

4.3.1 Aspectos Econômicos

O crescimento e desenvolvimento da região é notável. A seguir, serão demonstrados dados de diversos setores econômicos.

a) População Economicamente Ativa

Pelos dados dos últimos censos, a população economicamente ativa tem seguido praticamente o crescimento da população, verificando-se seu maior crescimento na década de 70/80 (4,6% ao ano), sendo que o crescimento da população ativa foi de aproximadamente 5,0% anual.

A maior parte da população está empregada no setor terciário, embora a indústria segue sendo a principal economia da região.

b) Setor Primário

inclui a agricultura, pecuária, a silvicultura e a extração vegetal, e emprega 6,4% da população economicamente ativa. Conforme a Tabela 03, a agropecuária

teve um crescimento tímido entre 1970 e 1985. O crescimento de aproximadamente 9% entre esse período pode ser explicado devido aos movimentos migratórios das áreas rurais para a área urbana. A população urbana de Blumenau teve no decênio 70/80 um crescimento de 53,7% no período. Entretanto, no decênio 80/90 teve um crescimento reduzido, de 22,4%. Um dos fatores que veio a influenciar no aumento da população urbana e total fundamenta-se no processo imigratório que se registrou nas duas últimas décadas. A Lei Complementar n.º 83, de 08 de junho de 1995, é outro fator a considerar, pois foi fixado o novo perímetro urbano da cidade de Blumenau, aumentando a área urbana de 156 Km² para 192 Km². Em 1996, a produção agropecuária teve uma grande queda, representando apenas 0,24% do PIB total da cidade. Para efeito de comparação, em 1970 a agropecuária representava 1,95% do PIB municipal, e foi diminuindo gradativamente atingindo 0,85% em 1975 e 0,56% em 1985, até chegar nos 0,24% em 1996.

TABELA 03 - PIB DA AGROPECUÁRIA DE BLUMENAU – 1970/1996

| 1970 | 1975 | 1980 | 1985 | 1996 |
|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| 15.671,60 | 13.721,59 | 15.368,32 | 17.088,54 | 7.714,20 |

FONTE: IPEA. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em 05 de nov 2005

NOTAS: A custo de fatores.

Unidade: R\$ 1.000.

Deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

As propriedades agrícolas são pequenas, o que torna antieconômica sua exploração. Os pequenos proprietários rurais vêm no trabalho agrícola a sua subsistência, comercializando alguns produtos excedentes, mas sempre encaminham a maior parte dos membros da família para a indústria ou o comércio.

Segundo dados do último Censo Agropecuário realizado em 1995-1996, existe um total de 932 propriedades agrícolas com uma área de 10.354 hectares, ocupada por 2.681 pessoas. Do total de 932 propriedades, 568 (60,9%) tem como atividades econômica principal a horticultura, 234 (25,1%) a pecuária e 83 (8,9%) as lavouras temporárias.

Na pecuária a exploração leiteira ocupa posição de destaque tendo em vista que constitui uma renda suplementar para a totalidade das famílias rurais. Além disso, é uma fonte de matéria prima para as indústrias de Blumenau e cidades vizinhas.

As reservas florestais do município são expressivas mas pouco exploradas economicamente. Existe também um potencial para a produção de biofertilizantes, devido à existência de grandes volumes de matéria orgânica originada do rebanho leiteiro.

c) Setor Secundário

O setor industrial é a principal atividade do município, gerando grande número de empregos. Blumenau conta com 2.539 estabelecimentos industriais ocupando uma mão-de-obra de quase 40.000 pessoas. Dessas empresas, 33 (1,3%) são grandes indústrias, com mais de 200 empregados, absorvendo quase 19.000 pessoas; 81 (3,2%) delas são médias indústrias, ocupando quase 7.500 pessoas e as 2.425 pequenas indústrias (95,5% do total) ocupam aproximadamente 13.500 pessoas. BLUMENAU EM CADERNOS (2003)

Conforme a Tabela 04, o município obteve grandes aumentos em sua produção industrial na década de 70, acompanhando o crescimento visto no país. Entre 1980 e 1985, a produção das indústrias caiu 0,2%, reforçando o que já vinha sendo notado, que a economia blumenauense acompanha a economia nacional. Além das enchentes que fizeram com que as indústrias parassem em média por 52 dias em 1983, este período de 1980 a 1985 foi de grande retração da indústria em âmbito nacional. Analisando a participação da indústria no PIB total do município, onde em 1980 ela representava 65,02% do PIB total, em 1985 representava 61,80% e em 1996 a porcentagem de 50,95%, podemos afirmar que no início da década de 80 a produção industrial teve um declínio perdendo espaço para o setor terciário, como veremos a seguir. Essa perda na produção pode ser explicada pela soma de dois fatores: a crise econômica nacional que atingiu principalmente o setor industrial na primeira metade da década de 80, e também por causa das enchentes que atingiram a cidade e afetaram a produção industrial na região. Várias empresas tiveram que fechar as portas e algumas até trocaram de cidade, como foi o caso da empresa Albany, que devido às enchentes mudou sua fábrica para um município vizinho de Indaial.

TABELA 04 - PIB DA INDÚSTRIA DE BLUMENAU – 1970/1996

| 1970 | 1975 | 1980 | 1985 | 1996 |
|-------------|-------------|--------------|--------------|--------------|
| 351.427,38 | 893.171,99 | 1.865.348,83 | 1.861.977,77 | 1.666.049,92 |

FONTE: IPEA. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em 05 de nov 2005

NOTAS: A custo de fatores.

Unidade: R\$ 1.000.

Deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

Apesar das grandes indústrias absorverem a maior parte da mão-de-obra, as micro empresas também são muito importantes para a estabilidade do setor. A micro-indústria é expressiva na região, principalmente no ramo de confecções, pois as pequenas empresas compram maquinário usado e matéria prima das grandes malharias e confeccionam sob encomenda de lojistas de todo o país e muitas vezes das próprias grandes malharias. A disputa entre as grandes e pequenas empresas pela mão-de-obra é vantajosa para o trabalhador, que vê seu salário valorizado. Existem muitas micro-indústrias não registradas, formadas por pessoal oriundo das grandes malharias.

Atualmente as indústrias mais significativas são as do ramo têxtil, de produtos alimentícios, vestuário e cristaleira. Embora a construção civil seja um setor que não podemos incluir como uma indústria manufatureira, é considerada uma das indústrias mais importantes. Em Blumenau esta atividade encontra bem desenvolvida. Seu elo com as indústrias de cerâmica, madeira, ferro, cimento, concreto usinado, metalúrgica, pedreiras, extração de areia etc., é tão visível, que um crescimento em sua produção proporciona o desenvolvimento de todas elas.

d) Setor Terciário

O setor terciário inclui comércio, prestação de serviços, transportes e comunicações, armazenagem, atividades sociais e administração pública.

Conforme a Tabela 05, este setor obteve um crescimento significativo de 64,5% entre os anos de 1970 e 1975. Já entre 1975 e 1980, o crescimento foi um pouco inferior, 38,5%. Comparando com os outros setores, o começo da década de 80 foi um pouco melhor para o setor de comércio e serviços. Mas mesmo assim, aquele crescimento que o setor vinha acumulando nos períodos anteriores não foi repetido entre 1980 e 1985. Neste período, a produção teve um aumento de 15%.

Entre 1985 e 1996 o setor teve um crescimento de 40%, aumentando sua participação no PIB total que era de 37,64% em 1980 para 48,81% em 1996. Isso pode ser explicado pela desindustrialização que ocorreu na economia e pela valorização do dólar, que encareceu o comércio.

TABELA 05 - PIB DO SETOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DE BLUMENAU – 1970/1996

| 1970 | 1975 | 1980 | 1985 | 1996 |
|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|
| 433.606,12 | 712.539,14 | 988.015,77 | 1.133.863,43 | 1.596.004,08 |

FONTES: IPEA. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em 05 de nov 2005

NOTAS: A custo de fatores.

Unidade: R\$ 1.000.

Deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

Em âmbito regional, Blumenau é a distribuidora quase exclusiva de serviços e a sede das principais organizações, atendendo não apenas à sua população urbana, mas também a população regional. Segundo dados do IBGE, 58,3% da população economicamente ativa do município está empregada no setor terciário, que junto a indústria é grande fonte geradora de empregos.

Em relação ao comércio, Blumenau é o grande centro comercial da microrregião, movimentando grande volume de capital financeiro, não só em relação ao comércio atacadista, mas também ao comércio varejista.

No total, a cidade conta com 44 agências bancárias, das quais 59,1% são privadas e 40,9% são estatais.

Ainda no setor terciário, são de grande importância para a economia do município as atividades ligadas ao turismo. A cidade exerce grande atração turística, pelas paisagens, pelo comércio diversificado, pelas características germânicas da arquitetura, de sua culinária, de sua tradição e de sua infra-estrutura hoteleira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua fundação, nota-se que Blumenau sempre foi uma cidade próspera, que localizada em um vale provido de belezas naturais, atraiu muitos imigrantes vindos da Europa, principalmente da Alemanha. E não foi apenas por belezas que os imigrantes estavam procurando, e sim, de uma terra fértil que provesse sustento para suas famílias. O fundador da cidade, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, junto com outros imigrantes, conseguiu em poucos anos, fazer da colônia um grande empreendimento, criando um centro agrícola e industrial de importância significativa. Grande parte desse sucesso é de responsabilidade do povo alemão, famoso por ser disciplinado e trabalhador. E ao longo dos anos, o pólo industrial foi crescendo e desenvolvendo também outros setores da economia.

A grande enchente de 1983, forçou a paralisação de 70% do parque industrial e muitas empresas pediram falência ou mudaram de cidade. O comércio também ficou paralisado por muitos dias. Paralelamente a este acontecimento, o país inteiro atravessava uma grande crise. Esta crise afetou também todos os segmentos da indústria, inclusive as indústrias têxteis de Blumenau, que eram responsáveis por 60% da arrecadação do município. O quadro de adversidade que já era ruim, por causa da situação nacional, se agravou com as enchentes.

Após as enchentes, a cidade inteira se mobilizou para o quanto antes voltarem às suas atividades normais. Com a ajuda do governo estadual e federal, as autoridades locais recuperaram estradas, reergueram pontes, arrumaram as praças e reformaram prédios danificados. Um ano após o episódio, em 1984, foi realizada a primeira Oktoberfest, a festa do chopp. A população queria esquecer o quanto antes o que havia ocorrido e tratou de organizar esta festa, que atualmente é a segunda maior festa do chopp no mundo, atraindo turistas de todo o Brasil e da América Latina, aquecendo a economia da região. A situação econômica do Brasil começou a dar sinais de recuperação na segunda metade da década de 80, afetando positivamente também na recuperação da cidade. Atualmente, Blumenau é uma das cidades de maior desenvolvimento do estado, conforme consta no Plano Diretor de Defesa Civil de Santa Catarina.

Diante dos dados apresentados, conclui-se que as hipóteses iniciais de que as ações tomadas após as enchentes foram as principais responsáveis pela

recuperação econômica, não é totalmente verdadeira. As enchentes apenas pioraram a recessão que já estava instalada no país. Neste quadro de extrema adversidade econômica, fica difícil diferenciar do quadro global da economia, a verdadeira extensão da enchente e seus reflexos isolados. Percebe-se porém, a dedicação que a população tem em se unir para atingir objetivos em comum colaborando para que os momentos adversos não perdurem por muito tempo.

REFERÊNCIAS

AMIN, Esperidião (1984). A criação de um consórcio intergovernamental e comunitário para a administração da crise no Vale do Itajaí. In: **Seminário de Avaliação da Reconstrução** (Blumenau: 14/9/1984). 3p. [Arquivo do Projeto Crise/FURB]

BARRETO, Antônio B. **SOS Enchente – “Um vale pede socorro”**. Blumenau, 1995 p. 41-57

BLUMENAU EM CADERNOS, TOMO XLIV, Blumenau: FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, Julho/Agosto 2003. p. 41-57, p. 61-68

BLUMENAU. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Blumenau. Disponível em <<http://www.blumenau.sc.gov.br>> Acesso em 30 abr 2005.

BLUMENAU. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor de Defesa Civil*. 2002. José Correa Negrodo. p. 15-27

BOISIER, S. Política econômica, organização social e desenvolvimento regional. In: HADDAD, P. R. (Org.). *Economia regional: teorias e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1989. p. 610-616

COMITE DO ITAJAÍ. Disponível em <<http://www.comiteitajai.org.br>> Acesso em 22 set 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 26 de nov 2005

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em 05 de nov 2005

NORTH, D. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, J. *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977. p. 37-98

O ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em <http://www.estadao.com.br/ext/economia/financas/historico/dolar_1983.htm> Acesso em 18 nov 2005

OKTOBERFEST EM BLUMENAU. Disponível em <<http://www.oktoberfestblumenau.com.br>> Acesso em 12 nov 2005

OLIVEIRA, Sanderson C. A crise financeira dos anos 80. Disponível em <<http://www.midiaindependente.org>> Acesso em 30 out 2005

REVISTA VEJA, São Paulo: Ed. Abril, n. 776. 20 Julho, 1983. p. 25

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em
<<http://www.ufsc.br/Blumenau>> Acesso em 05 nov 2005.

VEIGA, José Eli. *Como elaborar seu Projeto de Pesquisa*, USP, 1996.

ANEXOS

Foto 01 – A primeira foto mostra a rua XV de Novembro atualmente. Esta rua é uma das principais da cidade e situa-se paralelamente ao Rio Itajaí-Açu no centro.



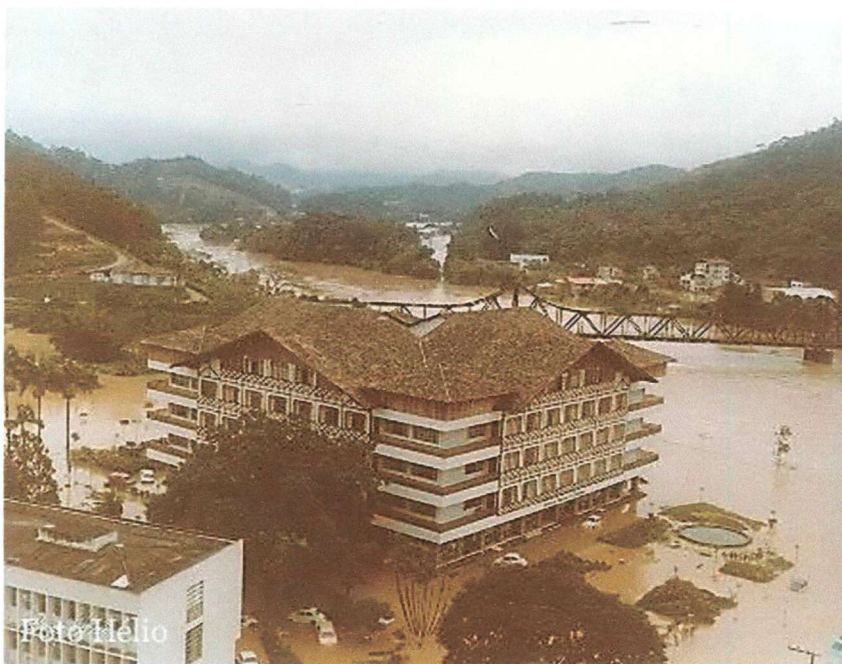
Autor: Jorge Eduardo. Disponível em: <<http://community.webshots.com/user/jeduardo17>>

Foto 02 – A segunda foto mostra a mesma rua XV de Novembro só que completamente inundada pelas enchentes de 1983.



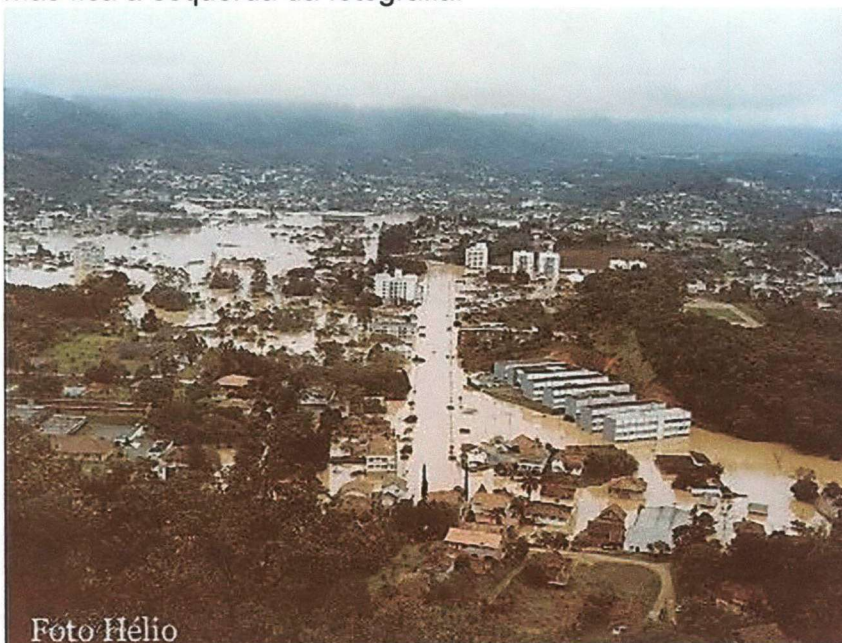
Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.blumenau.sc.gov.br/defesa/fotos.htm>>

Foto 03 – A terceira foto mostra a Prefeitura Municipal de Blumenau com o andar térreo coberto pelas águas. Não há como saber exatamente onde se localiza a margem do rio.



Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.blumenau.sc.gov.br/defesa/fotos.htm>>

Foto 04 – A quarta foto mostra um panorama do lado leste de Blumenau. Os prédios enfileirados do lado direito pertencem à FURB. O centro de Blumenau não aparece mas fica à esquerda da fotografia.



Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.blumenau.sc.gov.br/defesa/fotos.htm>>